



ANA MARIA CAMPOS
camposanamaria5@gmail.com

Ainda é cedo

João Pedro Barros, filho de Ibaneis Rocha, postou nas redes sociais uma mensagem para quem acompanhou o anúncio de sua filiação ao MDB, prevista para ocorrer em 15 de novembro. O jovem de 20 anos deixou claro que não será candidato agora. Entra na política para contribuir com o debate. “Fazer política não é só exercer cargos”, disse.



Ed Alves/CB/D.A Press

Segurança em debate

Em meio aos debates nacionais sobre segurança pública, será realizado em Goiânia, de 12 a 15 de novembro, o 27º Congresso Nacional da Cobrapol (Confederação Brasileira de Trabalhadores Policiais Cíveis). O evento contará com a presença do ex-secretário nacional e ex-titular da Segurança Pública de Goiás, Ricardo Balestreri, e do advogado Alberto Kopittke, doutor em Políticas Públicas pela UFRGS e especialista em prevenção à violência. Kopittke será o responsável pela palestra magna na abertura do evento.



Divulgação

Na direita

Ibaneis Rocha (MDB) se uniu, ontem, aos governadores da oposição ao governo Lula que deram apoio a Cláudio Castro (PL) pela Operação Contenção, nos complexos do Alemão e da Penha. Declarou lamentar apenas a morte dos policiais, com a ressalva de que as mortes de suspeitos ocorreram por reação às prisões. Ibaneis sinaliza mais uma vez o tom de aliança com a direita em 2026.



Divulgação

Novo ouvidor do STJ

A Corte Especial do Superior Tribunal de Justiça (STJ) elegeu, nesta quarta-feira (5), o ministro Reynaldo Soares da Fonseca (**abaixo**) como novo ouvidor do tribunal. Ele vai suceder o ministro Gurgel de Faria, que deixará o cargo em 23 de novembro. A Ouvidoria é a unidade responsável pelo diálogo entre o tribunal e os cidadãos, com a atribuição de receber e dar encaminhamento a reclamações, denúncias, críticas, sugestões e elogios.



Rosinei Coutinho/STF



STJ/Divulgação

Ensaio

O ministro Alexandre de Moraes, vice-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), assumiu ontem, pela primeira vez, a Presidência da Corte para presidir a sessão plenária. De forma interina. O presidente, Edson Fachin, está em Belém em compromissos da COP 30. Foi um ensaio para o que vem por aí. Em 2027, Moraes — que hoje já é considerado tão poderoso —assumirá o comando do STF.

DF na COP30

A Secretaria do Meio Ambiente do Distrito Federal estará na COP 30, em Belém. A delegação do Distrito Federal será composta por técnicos e gestores da pasta, com o objetivo de fortalecer as políticas públicas ambientais e garantir o alinhamento dos programas distritais às metas globais de mitigação e adaptação às mudanças climáticas. Entre as iniciativas que terão destaque na conferência estão o Plano Carbono Neutro do DF, o Plano de Adaptação às Mudanças do Clima, o Inventário de Emissões de Gases de Efeito Estufa (GEE) e o Programa de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais (PPCIF).



Divulgação

Ressalvas

Ninguém entendeu muito bem a postura da senadora Damares Alves (Republicanos-DF) nesta semana ao reunir aliados, entre lideranças comunitárias e religiosas, com críticas ao GDF. Foi no auditório da Associação Comercial do DF (ACDF), na segunda-feira. Damares reafirmou apoio a Celina Leão (PP), mas disse que tem ressalvas às áreas de saúde e segurança pública. O tema da palestra foi “Brasil: Um País na UTI, Um DF Doente”. Damares explicou que integra a base do governo local, mas não vai se omitir.

Experiência imersiva em cidadania para alunos da rede pública

A Escola de Contas do Tribunal de Contas do Distrito Federal (Escon) recebeu ontem estudantes das Escolas Classe 106 Norte e 06 do Cruzeiro para uma tarde de aprendizado sobre controle social e cidadania. A atividade integra a 5ª edição do projeto “TCendo o Futuro”, iniciativa que aproxima alunos do ensino fundamental aos membros e servidores do Tribunal de Contas do Distrito Federal (TCDF). Durante a visita, os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer, de forma interativa, o funcionamento da Corte de contas, participando de apresentações, dinâmicas e um tour guiado pelas dependências da Casa. O projeto é desenvolvido em parceria com a Secretaria de Educação do Distrito Federal.



Divulgação/TCDF

“O governo é terminantemente contra. Somos contra esse projeto que equipara as facções criminosas ao terrorismo. Terrorismo tem objetivo político e ideológico, e o terrorismo, pela legislação internacional, dá guarida para que outros países possam fazer intervenção no nosso país”

Ministra Gleisi Hoffmann (PT-PR), de Relações Institucionais, em conversa com jornalistas



Plator Política

“A lei precisa garantir que a polícia prenda e a Justiça não solte. O que estamos propondo é uma tipificação que permita ao Estado agir com o mesmo rigor que outros países utilizam contra o terrorismo”

Deputado federal Danilo Forte (União-CE)



Mário Agra/Câmara



Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos_cb

CONSCIÊNCIA NEGRA

»Entrevista | CLARISSE RABELO | PSICÓLOGA

Ao CB.Saúde, especialista explica como o preconceito violenta e impede os negros de chegarem aonde querem estar

Racismo faz as pessoas adoecerem

» JÚLIA SIRQUEIRA*

Dados do Ministério da Saúde apontam que negros têm 45% mais chance de morrer por suicídio do que pessoas brancas. Ontem, no CB.Saúde — parceria entre o Correio Braziliense e a TV Brasília —, as jornalistas Mila Ferreira e Sibebe Negromonte conversaram com a psicóloga e educadora em direitos humanos Clarisse Rabelo

sobre o impacto do racismo na saúde mental, seus reflexos sociais e a importância de políticas públicas que garantam acesso e acolhimento. Clarisse também aponta para como a exposição contínua à violência simbólica e institucional afeta, especialmente, jovens negros, enquanto mães solo enfrentam sobrecarga emocional e falta de rede de apoio.

Como o racismo impacta a saúde mental de crianças e adolescentes negros?

Somos atravessados pelo racismo desde muito cedo. E se a gente parar para pensar no quanto um jovem negro é vulnerável a múltiplas violências, é muito difícil acreditar que esse mental não seja desestabilizado. As crianças crescem diante de padrões estéticos e de comportamento que não as reconhecem, o que provoca sensação de inadequação, vergonha

e necessidade de provar o tempo todo que são capazes. Isso fragiliza a autoestima e cria um sofrimento silencioso, que vai se acumulando ao longo do desenvolvimento.

De que forma a violência estrutural interfere na formação emocional desses jovens?

O racismo não acontece apenas de forma direta. Ele está presente nas instituições, nos espaços de convivência, nas relações escolares

e no cotidiano. O jovem negro se vê em estado de alerta constante, sempre monitorando a forma de falar, se vestir e se comportar. Esse processo cria medo de ocupar determinados espaços e gera tensão emocional permanente.

O que muda quando essa realidade atravessa lares chefiados por mães negras solo?

As mães negras solo enfrentam uma sobrecarga imensa, porque acumulam trabalho, cuidado e responsabilidades domésticas, muitas

vezes sem apoio. Pois sabemos que ela não é apenas abandonada pelo genitor da criança, e sim pela própria sociedade. Quando existe essa sobrecarga emocional, fica mais difícil acompanhar as demandas emocionais dos filhos. É uma rotina de sobrevivência, e a saúde mental acaba ficando em segundo plano.

O uso excessivo de telas pode agravar esse quadro em crianças negras?

O uso excessivo de telas traz uma sobrecarga de estímulos

visuais e sonoros que o cérebro infantil ainda não consegue organizar. Isso interfere na atenção, na linguagem e na capacidade de lidar com o silêncio e o tédio, que são fundamentais para o desenvolvimento emocional. Quando a criança está sempre diante de conteúdos rápidos, ela passa a ter dificuldade em se concentrar em tarefas mais longas, como leitura e estudo, além de apresentar irritabilidade e impaciência. Para crianças negras, essa exposição é ainda mais crítica, porque muitas vezes elas encontram conteúdos racistas e padrões estéticos que não as representam. Essa comparação constante afeta a autoestima e a forma como elas se percebem no mundo. Além disso, o uso prolongado de telas antes de dormir prejudica o sono, o que compromete humor, aprendizado e organização do pensamento. Por isso, é importante mediar o que é consumido e estabelecer limites para que a tecnologia não se torne um fator de adoecimento.

Como famílias e escolas podem ajudar a reduzir esses impactos?

É fundamental criar espaços seguros de diálogo sobre racismo, autoestima e limites. A escola precisa trabalhar uma educação antirracista, com formação de professores e acolhimento efetivo. As famílias podem estabelecer rotinas, equilibrar o uso das telas e, principalmente, ensinar esses jovens a usar as redes de forma crítica, incluindo um suporte coletivo, e por fim, que as políticas públicas também sejam essenciais para quebrar ciclos de adoecimento.

*Estagiária sob a supervisão de Márcia Machado



Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista à entrevista